

O QUE FAZER (ÀS SEXTAS-FEIRAS). MEMÓRIA DO CLUBE DOS URSOS

Luiz Maria Veiga*

Quando nasci, Noé Gertel já contava 42 anos, mas corri bastante e ainda tive o privilégio de conhecê-lo e conviver com ele por cerca de dezesseis anos. Há muita coisa a contar sobre essa convivência rara, inesquecível, pela qual sou profundamente agradecido. Mas aqui não há espaço para tudo, falarei apenas um pouco das nossas sextas-feiras.

Durante muito tempo Noé e eu encontramos quase todas as sextas-feiras num bar da rua Sete de Abril chamado Costa do Sol. Depois o bar virou restaurante por quilo, fechava cedo e nosso ponto de encontro teve de mudar. Naquela época, eu ainda trabalhava na rua da Consolação e ele ia todos os dias ao escritório da agência de publicidade, na rua Vinte e Quatro de Maio, no centro velho de São Paulo. Às sextas, eu passava por lá e íamos para o bar. Algumas vezes parávamos na farmácia para que ele pudesse renovar, reclamando sempre, o estoque de remédios. E como ele andava tossindo muito, ou tendo de tomar alguns remédios novos, dizia que não ia durar muito mais tempo.

Uma dessas ocasiões eu disse: “Nem fale uma coisa dessas, Noé. Se você morrer o que é que eu vou fazer às sextas-feiras?”.

E ele: “Você? Você logo arruma o que fazer. E eu, o que que *eu* vou fazer às sextas-feiras?”.

Esse diálogo aconteceu faz muito tempo. Tanto tempo que a gente até deixou de acreditar que o velho Noé fosse mesmo morrer um dia. Desacostumamo-nos da idéia. Só que esse dia chegou. Apanhando todo mundo de surpresa. Agora estou com o problema de descobrir o que fazer às sextas-feiras. Imagino que ele deva estar com o mesmo problema.

Nas sextas-feiras em que não nos encontramos, sozinhos ou com alguns outros membros do grupo, era porque havia assembleia, reunião plena do Clube dos Ursos. Ah, o Clube dos Ursos. Essa instituição estabelecida a partir da capacidade do professor Martin Feijó em reunir pessoas, batizada por mim, atormentou muitos frequentadores do Micheluccio, na rua da Consolação, quase em frente ao Belas Artes. Às vezes fazíamos, só alguns de nós, mais barulho que toda a turma de uma empresa reunida no fim do ano para entrega dos presentes do amigo secreto.

Pois é, as pessoas estavam lá calmamente, numa sexta-feira qualquer, comendo suas pizzas, tomando vinho, cerveja, refrigerante, conversando em paz e em voz baixa, como manda a boa educação. E os ursos iam chegando, Noé geralmente antes de todos os outros, Mustafa, Jorge, eu e minha irmã Lipul, Enid e Celso, Zé Geraldo, Martin, Reinaldo Mestrinel, Guiomar e Takao, Joana, Artur. Estou mencionando rapidamente apenas o núcleo fundador e mais alguns regulares. Nem vou citar os mais ilustres frequentadores do clube (em ordem alfabética, mulheres primeiro), Adriana Carvalho Novaes, Ângela Carneiro, Cristina Carletti, Cristina Leminski, Maria Aparecida Ruiz, Maria Sílvia Betti, Vera Gertel, Carlos Heitor Cony (numa reunião em que Noé representou todos os ursos), Eder Chiodetto, Jânio de Freitas, Luiz Galdino, Nicolau Sevcenko, Pasquale Cipro Neto, Robert Stam, Vinícius Vianna e ainda o físico Luiz Alberto da Rocha Barros (*in memoriam*), por exemplo, porque a modéstia me impede. Este último costumava chamar os ursos de “grupo de intelectuais da Mooca” no qual ele, representante dos “intelectuais de Higienópolis” era apenas sócio visitante.

A essa altura a freguesia do Micheluccio já tinha notado que havia um grupo grande e meio estranho ali reunido. De repente parte do grupo começava a

* Escritor e dramaturgo, autor dos livros *Você no país das maravilhas*, *O falso observador de pássaros*, entre outros títulos.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2198>

se manifestar ruidosamente, discutindo aos berros os mais diversos assuntos causavam as mais estrondosas polêmicas, não era impossível que alguém fosse mandado para aquele ou para outro lugar, equivalente ou similar, em voz alta e a bom som, para que todos no restaurante pudessem ouvir. Alguns, com toda certeza, chegaram a pensar que aquilo não terminava senão em pancadaria. De repente a tempestade sumia, as vozes baixavam, tudo voltava ao sossego. Os mais ferozes contendores iam juntos ao banheiro, trocando sorrisos e piadas, esvaziar os reservatórios para absorver mais e mais chope.

As reuniões mais barulhentas do Clube costumavam acontecer nos anos eleitorais. Embora todos tivessem, pelo menos os do núcleo inicial, um posicionamento de esquerda e uma origem de algum modo ligada ao Partidão, não havia de jeito nenhum, uniformidade de pensamento. Houve até, lamento dizer, apesar dos reiterados avisos e conselhos do velho Noé, quem votasse no atual presidente da República. Só na primeira eleição, que a burrice de alguns ursos não chegou a mais. Se tivesse chegado à repetição do erro seria motivo de sumária e desonrosa expulsão, por estupidez reiterada, infâmia e má figura. Aliás, a polêmica de qualquer natureza, sobre qualquer assunto: futebol, mulher (e homem também, claro), política, literatura, cinema, sabor de pizza, qualidade da cerveja, qualidade do tempo, qualidade do governo (unanimemente considerado sempre ruim, até pelos seus infelizes eleitores), claras e límpidas evidências da existência de Deus ou nem a mais remota possibilidade da existência de Deus, balela que nunca poderia ser aceita por gente que tivesse um mínimo de inteligência, tudo isso agitava aquelas felizes noites paulistanas, frias ou quentes. Quando ainda havia onde tomar um cafezinho, saíamos da pizzaria e íamos em grupo, fechar a noite sorvendo uma xícara de café e examinando as bancas de livros usados expostos na madrugada. Noé dispensava a infusão da rubiácea, para não rimar e não perder o sono. A caipirinha de vodca e o chope, dois ou três, ele não dispensava, não.

Assistimos ao Micheluccio encolher de dois salões para um só, assistimos a mudanças de dono, soubemos que a pizzaria também passou a servir refeições por quilo, no almoço, mas continuamos firmes, embora sempre houvesse vozes dissidentes clamando por um novo ponto de encontro. Segundo

Jorge Carlovich Filho, médico da tripulação da nossa nave de felizes malucos, as reuniões do Clube dos Ursos começaram a acontecer no distante ano de 1986 do século passado. Pelo menos uma vez por mês lá estávamos nós, com diferentes formações no grupo, comendo pizza, tomando chope ou cerveja, sempre depois de uma boa caipirinha de vodca, e falando mal de tudo e de todos, principalmente de nós mesmos. A inspiração para o nome veio daqueles clubes masculinos frequentados por Fred Flintstone e seu vizinho Barney. O clube a que eles iam era o Clube dos Alces, ou dos Búfalos. O nosso ganhou seu nome em homenagem ao urso soviético. A princípio teve intenção de manter o caráter de clube masculino. Mas isso, ainda bem, não durou muito. As ursoras passaram rapidamente a frequentar o clube. E houve reuniões em que elas foram maioria. Nossa nave de malucos conseguiu atravessar os mares nada calmos destes anos todos sem perder a sanidade. O segredo: bom humor, alegria, descontração, irreverência, impertinência. E lealdade, solidariedade, companheirismo. Essas coisas aparentemente desaparecidas das relações humanas na atualidade. Como havemos de ser amigos e solidários e companheiros se temos de competir uns com os outros pela sobrevivência, se temos que nos mostrar agressivos porque o deus mercado (de cuja existência ninguém duvida) não perdoa e é preciso vencer a qualquer custo? Contra esse discurso e essa atitude o Clube se estabeleceu, e nas lições de bom humor, coragem e companheirismo solidários, dadas pelo exemplo vivo do velho Noé, ficou unido e forte.

Mas talvez não fosse apenas uma arte dominada até a excelência por ele, talvez houvesse outro segredo naquele encanto todo. Talvez haja mais coisas, ó ursos, entre o céu e a terra, do que sonha nossa filosofia, seja ela metafísica ou apenas os princípios fundamentais de Politzer. Leia o seguinte trecho, que descobri num velho recorte de jornal, *Diário D...* (é tudo que se consegue ler do nome), datado de 11 de dezembro de 1962, na

Nas sextas-feiras em que não nos encontrávamos, sozinhos ou com alguns outros membros do grupo, era porque havia assembleia, reunião plena do Clube dos Ursos.



Noé Gertel e amigos do Clube dos Ursos.

coluna “Em tom de conversa”, assinada por Fernando Góes, uma crônica intitulada “Os Gertel”, recorte encontrado entre os livros dele:

Se Isaac é o doutor, Noé – que pagou caro o ter sido um crítico de cinema desassombrado – esse é o “dandy”, o “fashionable”, o “gandim”, o “maccaroni”, o pisa-verdes, o elegante, enfim, da tribo dos Gertel, e nos anos áureos da elegância masculina ter-se-ia celebrizado ao lado de um

Jerônimo Colaço, do príncipe da Cunha, do Visconde d’Orsay, de Milord Arsouille, do divino Garret. Não se sabe quando – que ele, prudentemente, desconversa sobre o assunto – tomou um filtro mágico, uma água de juventa, segredo de algum patriarca de Jerusalém, e há cinquenta anos tem apenas vinte. Certa manhã, ia eu ao Rio, encontrei-me com ele em Congonhas, que vinha de lá, acompanhado de duas moças, de um rapaz, de um bebê que trazia nos braços. Apresentou-me às moças, sua mulher e sua filha, ao rapaz, seu genro, e com orgulho mostrou-me a criança, o neto. Tomei o avião pasmado, sem poder explicar o que vira, pois de todos, acreditem-me, o mais jovem era ele, o feiticeiro.

Para reforçar a verdade desse depoimento, basta lembrar o apelido que lhe davam seus companheiros de geração: Dorian Gray.

Um brinde ao velho Noé, onde quer que ele esteja neste momento, e que possamos todos merecer uma vida honrada e digna como a dele.

Depende só de nós.